



QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ACESSIBILIDADE E PERMANÊNCIA DE UMA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Moliny Késsya Freitas de Abreu ¹
Rainy Gomes dos Santos ²
Môngolla Keyla Freitas de Abreu ³
Aurea Lucia Cruz dos Santos⁴

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a vida acadêmica de uma pessoa com Síndrome de Down, matriculada no curso de licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A partir do relato de vida da estudante Moliny, no contexto da educação especial na perspectiva inclusiva, com ênfase no ensino superior, espera-se impulsionar reflexões e diálogos com a realidade de tantos outros estudantes e educadores que compartilham de experiências próximas.

Este relato é relevante não somente para a comunidade universitária da qual a estudante faz parte, mas para educadores, educandos e a sociedade em geral que busca aprender sobre a educação inclusiva, seus desafios e possibilidades.

A trajetória na educação básica e no ensino superior tem mostrado que a Pessoa com Deficiência (PcD) transforma-se e aprende diante dos desafios, seguindo ao passo que encontra profissionais dispostos a ajudar. Assim, os obstáculos da vida acadêmica podem ser superados com o apoio de profissionais e demais atores presentes na instituição de ensino, bem como de pessoas da sociedade de um modo geral. Todos em um trabalho colaborativo (BOTELHO, 2019).

Inúmeras realidades se fazem nos ambientes escolares, contudo neste estudo voltaremos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), moliny.abreu@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), rainy.gomes@aluno.uece.br;

³ Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará; Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri - UFCA, mongolla.abreu@gmail.com;

⁴ Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI); Doutora em Educação e Inclusão Social pela Universidade de Alcalá-Espanha (UAH), reconhecida pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aurea.cruz@uece.br

os olhares para as Instituições de Ensino Superior (IES), refletindo de forma dialógica sobre a educação inclusiva na formação do ser humano e de uma futura pedagoga, professora.

Assim, seguiremos nosso relato a partir do olhar a respeito da cultura do acolhimento à diversidade, especialmente quando fala-se em PcD, pois é fundamental buscar conhecimentos para atender as necessidades educacionais específicas de cada um, superando a prática da integração e alcançando a efetivação da educação inclusiva.

METODOLOGIA

O registro de vivências através de um relato de experiência é uma possibilidade de acesso e compreensão da sociedade a respeito de várias temáticas, formando o sujeito e propagando conhecimento científico a fim de promover a transformação social (CÓRDULA; NASCIMENTO, 2018).

Este relato de experiência é resultante de um constante diálogo entre a protagonista e autora principal deste trabalho; uma amiga, colega desde o ensino médio e companheira na luta pela inclusão; a irmã da protagonista deste diálogo; e uma professora da universidade, orientadora de estágio no curso de Pedagogia da FECLI e estudiosa na área de estudo em questão. Assim, o relato dialoga com diversas bibliografias que abordam sobre acessibilidade em IES, resistência, colaboração e tantas outras temáticas pertinentes a este estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ingresso na universidade pública é para muitos um ato de esperar, isto é, a capacidade de reagir ao que parece sem saída (FREIRE, 1992). Para Moliny também foi assim, chegou na FECLI, enfrentando uma visão social equivocada quanto às suas potencialidades. Palavras ditas por Moliny diante de questionamentos capacitistas em relação a aprovação no seu primeiro vestibular: “Eu num disse que ia passar?!”

Moliny conquistou a aprovação em seu primeiro vestibular, está no oitavo semestre e iniciando seu trabalho de conclusão de curso. Nunca foi fácil, mas sempre perseverante e acompanhada da família, profissionais da educação, professores, bem como de amigos, dentre os quais, destacamos a Rainy, autora deste estudo, que sempre esteve presente nos trabalhos na vida acadêmica e sobretudo na vida pessoal da estudante. Estes sujeitos contribuíram constantemente através de um trabalho colaborativo para que Moliny seguisse em seu processo de empoderamento e de superação diante de tantos obstáculos presentes na vida de uma PcD.

Os saberes como futura pedagoga estão sendo construídos a partir da determinação de Moliny, e destacamos mais uma vez o apoio da família, especialmente de sua mãe, que é fundamental para as conquistas e a superação de inúmeras barreiras à inclusão da Pessoa com Deficiência. Moliny vivenciou a maior parte de sua vida escolar em escola pública, sempre sendo acompanhada pela mãe para o desenvolvimento de atividades de aprendizagem de conteúdo curricular e de saberes diversos. Trazemos neste relato a importância do acompanhamento da família para a formação do sujeito com deficiência em seu processo de empoderamento, e sobretudo para que seus direitos sejam atendidos em todo e qualquer espaço.

A partir deste olhar, um estudo feito a partir da perspectiva de estudantes com necessidades educacionais específicas na Universidade Estadual Paulista (UNESP) mostra a relevância do trabalho colaborativo, para o fortalecimento e compromisso institucional com aqueles que demandam respostas diferenciadas para concluir seus estudos com êxito (MARTINS *et al.*, 2021). Prova disso, foi a criação dos núcleos ou setores de apoio à Pessoa com Deficiência criadas em instituições de ensino superior, que segundo Castro (2011), o setor e/ou núcleo responsável pela acessibilidade nas universidades é apontado em relatos como um facilitador frequente em serviços de apoio.

Assim, uma materialização do trabalho colaborativo, são as monitoras, que Moliny prefere chamar de amigas. Estas são fundamentais para o suporte em muitos espaços formativos, destacando que estas são parte do Núcleo de Apoio e Acessibilidade a Pessoas com Deficiência Física e Transtornos (NAAI) da FECLI, organização fundamental para muitos passos dados dentro da universidade. As mediadoras que auxiliam Moliny e são fundamentais para sua acessibilidade e permanência na universidade, contribuem com a segurança na mobilidade e questões sociais, seja em momentos da rotina na universidade ou em outros espaços, como no caso do estágio supervisionado e de aulas de campo. Além disso, há uma disponibilidade de apoio pedagógico em horários complementares ao horário regular das aulas, caso Moliny julgue necessário.

De forma pertinente com este trajeto, traremos a seguinte reflexão presente no relatório de estágio na educação infantil da universitária: “Agora eu sei como tratar meu aluno com deficiência, porque eu conheci ele um pouco mais de perto, um olhar pedagógico, ele é especial esse aluno como todos, para não ser diferente com ele no olhar de ensinar a atividade. É importante destacar esta questão do aprendizado desses alunos, com ou sem deficiência, ensinando é que faz com que o desenvolvimento do aluno melhore e suas dificuldades com o aprendizado”. Esta fala de Moliny mostra muito de sua formação como pessoa e como futura



pedagoga, na qual vem se construindo empoderada e protagonista de sua própria história e certamente incentivadora de novas narrativas de Pessoas com Deficiência.

Contudo, precisamos ressaltar que a efetivação da educação inclusiva em IES requer esclarecimentos e participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo nestas instituições, além de toda a sociedade, a respeito das necessidades educacionais específicas, a fim de evitar que limitem os direitos dos cidadãos por falta de conhecimento ou de preparo para atender de forma adequada todos os estudantes, a partir da cultura do acolhimento das diferenças e do respeito à diversidade humana (PRESTO; KELMER, BARRETO, 2016).

A inclusão está caminhando diante de desafios e possibilidades a fim de reduzir significativamente as barreiras atitudinais, arquitetônicas, comunicacionais e pedagógicas. Assim, esperamos que a inclusão deixe de ser marketing do ensino superior e torne-se uma realidade predominante no processo de ensino, para todos os sujeitos, com ou sem deficiência. E que deixemos de construir a imagem da PcD a partir de um laudo, de uma lei, de um recurso ou de uma ação afirmativa, e passemos a olhar como um ser humano que requer suporte educacional para participar do cotidiano, independente da instituição em questão (BOTELHO, 2019). Não apenas para algumas Pessoas com Deficiência terem o direito de chegar na universidade, mas, para todos aqueles que assim desejarem.

E assim, como Moliny cantou em um trabalho apresentado na unviersidade, cantaremos juntos dela “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Sabendo que é para além de uma luta individual e coletiva, é uma luta social e constante pela inclusão de PcDs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estudante em questão e autora principal deste estudo conclui assim, “Não pode ser fraco tem que lutar e não desistir, acredite em seu potencial e seus sonhos, cada batalha não poderá derrubar, você levanta a sua cabeça e mostra. Você é especial. Eu já fui palestrante, agora mudei a minha jornada, eu só penso fazer um agradecimento às pessoas, que já me apoiaram e muito até agora, eu sei que existe inclusão dentro da faculdade e todo mundo merece ser incluído.”

Este apoio não retira o protagonista da Moliny em seu processo de empoderamento, mas, confirma a força de um trabalho colaborativo quando fala-se em educação, sobretudo quando falamos de educação inclusiva. Logo, desejamos que nossos educadores e educandos deixem de ser expectadores de tantas histórias, e passem a ser atores responsáveis pela inclusão, capazes de reduzir ou por fim às barreiras de acesso e permanência do ensino superior.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, D. H. O. **Desafios da inclusão no ensino superior: narrativas de uma universitária com Síndrome de Down**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ. 2019. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5277?mode=full>> Acesso em: nov 2023.

CASTRO, S. F.. **Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras**. Tese de Doutorado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. 2011. Repositório Institucional da UFSCar. Disponível em : <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2878/3611.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: out 2023.

CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, G. C. C. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-10, 2018. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-produo-do-conhecimento-na-construo-do-saber-sociocultural-e-cientfico.>> Acesso em: out. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARTINS, S. E. S. O.; OLIVEIRA, F. I. W. ; GARROS, D. S. C.; ROCHA, A. N. D. C.; Permanência de universitários com necessidades educacionais especiais no Ensino Superior: desafios do núcleo de apoio pedagógico da UNESP. In: MELO, F. R. L. V.; GUERRA, E. S. F. M.; FURTADO, M. M. F. D. (Orgs.). **Educação superior, inclusão e acessibilidade: reflexões contemporâneas**. Campos dos Goytacazes (RJ): Encontrografia, 2021.

PRESTO, N. M. ; KELMER, L. M. ; BARRETO, S. O. G. . Inclusão no Ensino Superior: barreiras e ações possíveis para contorná-las. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, v. 1, p. 1, 2016. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1JUIZDEFORA2&page=article&op=view&path%5B%5D=3708>> Acesso em: nov 2023.